

Memória da Moda: Entrevista com Ana Frida Speigler von Endrefy

Sobre Ana Frida

Suzana Avelar*

Frida Speigler é um nome que deve ser constantemente pronunciado no meio da moda brasileira. Essa mulher admirável foi uma das pioneiras da cultura de moda na imprensa feminina, principalmente na década de 1960. É uma honra para mim apresentá-la nesta matéria, quando a nossa história de moda começa a ter mais notabilidade.

Conheci Ana Frida Speigler von Endrefy no ano de 1998, quando pesquisava sobre moda e globalização no Brasil, utilizando as revistas da Editora Abril para o meu mestrado. Essas revistas se apresentam até hoje como documentos muito importantes para entender o comportamento feminino em revolução nos anos sessenta do século XX, principalmente aquele atrelado aos modos de vestir. Muito desse reconhecimento foi escrito por Dulcília Buittoni em seus livros sobre o assunto, um deles "A imprensa feminina".

Com uma permissão generosa dos diretores da Memória Abril e do DEDOC pude ter acesso livre a esses arquivos riquíssimos sobre moda e comportamento. Todos que ali trabalhavam sabiam e respeitavam essa pesquisa e por isso contei com a ajuda de muitas pessoas para descobrir passagens e pessoas fundamentais. Foi assim que me foi dito sobre Frida e feito o contato com ela.

Nesse mesmo período, comecei a trabalhar com o NIDEM, junto com Solange Wajnman e Alexandre Bergamo, que haviam planejado um incrível projeto para a geração de um arquivo sobre a história da moda no Brasil. Dessa forma foi possível realizar a entrevista com Frida Speigler que, naquela época, já morava no Lar Golda Meir. Devo dizer que foi uma triste surpresa encontrar essa grande personagem, ainda que em bons cuidados, muito sozinha e esquecida, com alguns pouquíssimos amigos que muito a ajudavam.

* Formada em desenho de moda pela Faculdade Santa Marcelina, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Autora do livro "Moda, globalização e novas tecnologias" (2009, Estação das Letras e Cores), é docente do curso de Têxtil e Moda da EACH/ USP-Leste.

Além da entrevista que aqui veremos, muito ela me contava durante as visitas que eu fazia, entre dias de lembrança, outros de esquecimento, uns de descrença e mais outros de esfuziante animação para falar sobre seus bonitos feitos. Me contando sua vida, narrou-me sua fuga da II Guerra Mundial, iniciada na Polônia, chegando ao Brasil após uma terrível passagem por um campo de concentração alemão. Para superar tantos horrores, veio a feliz descoberta de que sua irmã e seu marido, o Barão von Endrefy, estavam vivos e chegariam ao Rio de Janeiro para reencontrá-la. Isso provavelmente se deu alguns anos após o final da guerra. De acordo com Frida, ela conheceu o diretor da Editora Abril, Victor Civita, e este a convidou para trabalhar em algumas de suas revistas, Capricho e Manequim.

Frida atuou em muitas das produções de moda das revistas, aprimorando essa prática que começava na década de 1960, junto com Nella de Giovanni. Entre uma viagem e outra para Nova Iorque e Paris, ela tinha contato com as criações de grandes nomes, bem como com os processos de formulação e realização dos editoriais das revistas renomadas daqueles países. Suas realizações dentro das revistas eram compostas por esses aprendizados, por seu conhecimento e cultura altamente refinados, e por seus sonhos de uma jovem que uma vez havia sido casada com um barão "belíssimo", em suas palavras.

Com o passar do tempo, decidiu abrir uma casa de adornos para noivas e todas aquelas que a acompanhavam em um sonho ingênuo de moças daquele período. Me parece que este negócio foi conduzido por ela e por sua irmã, esta última falecendo alguns anos depois de terem que fechar suas portas, no período do Plano Collor.

Após essas perdas, viúva, com toda a família morta pelo holocausto, sem sua realidade de bons sonhos, Ana Frida esteve ali, lembrando suas criações e suas contribuições para a nossa moda que muito notavelmente caminha hoje e deve continuar dizendo e escrevendo o seu bonito nome.

Entrevista com Ana Frida Speigler von Endrefy

Entrevistadores: Solange Wajnman, Suzana Avelar e Alexandre Bergamo

Entrevista realizada no segundo semestre de 1998



Ana Frida durante a entrevista que nos concedeu no Lar Golda Meir.

Quando tivemos contato com Ana Frida, ela estava já com a idade bastante avançada no Lar Golda Meir. Foi lá que fiz o retrato acima. A qualidade da imagem não é das melhores porque usei, na época, uma das primeiras câmeras digitais que estavam disponíveis no mercado. Foi uma entrevista difícil de ser conduzida. A memória de Ana Frida já não era tão boa, o que obrigava, em vários momentos, a buscar novos "caminhos" para o resgate das lembranças. Algumas repetições eram necessárias, quando ficava evidente que sua memória afetiva era a chave que poderia abrir outras portas para suas lembranças. Em outros momentos, essa mesma memória afetiva fechava essas portas: incomodada com a velhice e o esquecimento a que estava relegada, a lembrança dos bons momentos era, muitas vezes, dolorosa. Mas a descrição de como era seu trabalho na Revista Cláudia foi complicada não apenas em função das dificuldades – inclusive as afetivas – de

memória, mas também devido ao fato de que não se tratava do mercado "profissional" tal como está hoje formado, com procedimentos e rotinas a serem seguidos e um saber técnico para servir de base. A idéia de se trabalhar com a moda estava ligada a outra, de "bom gosto", e de que este pertencia às camadas mais abastadas ou cultivadas da sociedade. Sendo assim, muitas vezes seu trabalho, e o de outros ao seu redor, é descrito como se fosse algo "natural", como se sua explicação estivesse no nascimento daquelas pessoas. Esse "bom gosto" visto como um elemento distintivo "de classe", como se fosse a essência mesma dessa "classe", era muitas vezes difícil de ser descrito pelo simples fato de que não fazia parte da rotina dessas pessoas a necessidade de "explicá-lo" ou "justificá-lo". Percebe-se também, no seu tom de amargura ou alegria ao descrever diferentes pessoas, uma certa concorrência entre diferentes grupos sociais, de diferentes origens, mas cujas dificuldades de memória não permitem definir com clareza, pela definição do que era a "elegância" e o "bom gosto". E, mais do que isso, de que se tratavam de "marcas de nascença". Encerramos a entrevista quando ela começou a dar mostras de que estava exausta. Prometemos voltar outra vez, mas isso não foi possível. Esse foi o único e último registro que conseguimos dela.

Alexandre Bergamo

ANA FRIDA – (...) e agora eu conheci vocês, que também é uma coisa linda.

SOLANGE – E é interessante que uma questão bem forte, é a moda mesmo. Na verdade, todos nós gostamos da beleza, da estética, quem que não gosta? É uma coisa realmente importante. A gente tá querendo que as pessoas que fizeram moda realmente neste país ,que começaram todos esses movimentos da moda, a gente quer ter esse depoimento dessas pessoas para que todos possam ver isso. A gente quer registrar esses documentos para os alunos terem acesso a isso.

ANA FRIDA – Quem mais vocês registraram?

SOLANGE – A Lais Pearson , Cyro del Nero, Azevedo [*Guia Oficial da Moda*].

ANA FRIDA – Que coisa linda!

ALEXANDRE – Azevedo , ele montou o Guia Oficial da Moda e ele tentou montar uma entidade que agregasse os profissionais da área têxtil , foi a Abrajeans, que atualmente não existe mais, o que existe é a Abravest.

SOLANGE – A gente pretende ir chegando até os dias de hoje . A gente tá indo aos poucos: primeiro pegando quem construiu as bases disso. E o Carlos Mauro também, que fez o trabalho na Rhodia.

SUZANA – O Carlos Mauro eu acho que te falei, foi meu professor na Faculdade , trabalhou na Rhodia muito tempo.

ANA FRIDA – Lívio, ele fez muita coisa pela moda, as Fenit...! Ele vive ainda?

SOLANGE – Não. Então a gente quer saber, como é que a gente vai fazer a senhora contar a história para a gente, que é mais fácil? A gente vai pela data, pela época ,então a senhora pode ir nos contando quando a senhora chegou no Brasil, qual o primeiro trabalho que a senhora teve ligado à moda?

ANA FRIDA – Mas não tinha nada a ver, ligado a moda. Foi em 46, comecei a trabalhar, era jovem, então eu comecei a trabalhar para uma senhora.

SOLANGE – Mas não tinha nada e ver, ligado a moda?

ANA FRIDA– Não, mas assim mesmo, quando ela ia escolher um tecido, alguma coisa...

SOLANGE – Daí a senhora foi aprendendo? De onde a senhora tirou esse gosto pela moda?

ANA FRIDA – Nasci com isso. Quem me ensinou muito sobre moda foi o Victor Civita, da editora Abril, onde trabalhei. Me mandou para Paris para fazer Faculdade de moda lá e depois voltar para trabalhar nas revistas da editora Abril como diretora de moda.

SOLANGE – E a senhora foi trabalhar na editora Abril, era jornalista e trabalhava com moda, jornalista de moda. Tinha essa profissão? A senhora conhecia outras pessoas que faziam isso, ou não?

ANA FRIDA – Eu fui a única e a primeira.

SOLANGE - A senhora não tinha modelo, era juvenzinha e trabalhava com isso. Primeiro que as mulheres não trabalhavam muito, segundo que a senhora já tava numa profissão difícil e que não tinha uma referência.

ALEXANDRE – Com quantos anos a senhora conheceu o Civita?

ANA FRIDA – Numa academia de ginástica, através do filho dele.

SOLANGE – Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora : a senhora chegou no Brasil, trabalhou para essa senhora. Eu tô lembrando da sua história, a senhora trabalhou com ela, a senhora ajudava a comprar tecido com ela, daí depois a senhora entrou na Abril.

ANA FRIDA – Eu entrei trabalhando como diretora.

SOLANGE – Já entrou trabalhando como diretora?

ANA FRIDA – Amiga, Manequim, fazia reportagens.

SOLANGE – A senhora não tinha experiência, era juvenzinha, e, ao mesmo tempo, a senhora era diretora.

SUZANA – E ao mesmo tempo a senhora era diretora de moda de todas as revistas.

ANA FRIDA – Todas.

ALEXANDRE – Como era o Civita? Como era trabalhar com ele?

ANA FRIDA – Era um homem muito inteligente, muito voluntarioso. Ele construiu, ele começou como um pequeno industrial num fundo de quintal e fabricava bolas de futebol, sabia disso?

ALEXANDRE – Bolas de futebol... para revistas?

ANA FRIDA – Não tinha nada a ver, eu também não tinha nada a ver.

ALEXANDRE – E o que que ele diz para a senhora?

ANA FRIDA – Não dizia nada. Ele queria que eu trabalhasse nas revistas dele.

ALEXANDRE – Que tipo de expectativa ele tinha quando lançou a [Revista] Cláudia? Ele tinha expectativa com aquela revista?

ANA FRIDA – E aconteceu a expectativa dele, ou seja, uma das melhores revistas para mulher aconteceu.

ALEXANDRE – Na hora que ele fez o projeto da revista Cláudia, quando imaginou?

ANA FRIDA – Não foi ele, foi um assistente dele, um jovem: Tomas Souto Corrêa.

ALEXANDRE – Tomas Souto Corrêa.

ANA FRIDA – Um jovem muito inteligente e que se transformou num homem de confiança do Victor Cívita e foi ele, comigo, com a Regina Guerreiro que estava conosco, e nos reunimos uma vez a cada semana para construir as novas revistas.

ALEXANDRE – Como é isso? Vocês se reuniam, a senhora com ele e com a Regina Guerreiro, e como que eram essas reuniões? Vocês discutiam o quê?

ANA FRIDA – Ah, eu não lembro, mas a gente sabia o que devia fazer e tinha muita gente jovem na moda, jovens fotógrafos que trabalhavam conosco, fazer os títulos dos artigos...

ALEXANDRE – E os planos da senhora? Naquele momento, a senhora imagina coisas com relação a revista, quais eram?

ANA FRIDA – Sem dúvida: de fazer uma coisa maravilhosa também. Eu levei, uma primeira vez, a moda para indústrias, costureiros, para escolher os modelos , os chapéus, as perucas que se usava naquele tempo para fotografar em Campos do Jordão. Foi o primeiro número da revista Cláudia sobre o que interessa a mulher, desde a maquiagem até o sapato.

SOLANGE – Isso não tinha antes em outras revistas? Foi uma novidade?

ANA FRIDA – Foi.

ALEXANDRE – Mesmo na Jóia, na revista Jóia, era muito importante?

ANA FRIDA – Ah, eu não lembro, eu sei que era grande, mas não sei quem era quem.

SOLANGE – E fez sucesso essa revista Cláudia logo no começo.

ANA FRIDA – Sim.

SOLANGE – E aí a senhora fazia reuniões com essas pessoas para sempre estar construindo números da revista Cláudia, não é isso? E estar melhorando cada vez mais.

ANA FRIDA – Sem dúvida, ou mandariam para fora também, para Milão, para Roma, para Londres, jovem, repórter que tinha muito talento para aprender mais coisas.

SOLANGE – Sobre jornalismo de moda, a senhora fez estágio lá fora?

ANA FRIDA – Eu fiz na Elle e na Marie Claire.

SOLANGE – Na França?

ANA FRIDA – Na França.

SUZANA – Você não chegou a fazer nos Estados Unidos também ?

ANA FRIDA - Fiz Esmod, mas isso eu já era conhecida , trabalhava há bastante tempo na Cláudia, na editora Abril, então me mandaram para Nova Iorque.

SOLANGE - Como que foi aprender lá?

ANA FRIDA – Eu já avisei, sobre moda. O que tem uma gráfica, o que que acontece quando erra, tem que fazer todo o material de novo.

ALEXANDRE – Conta para a gente como é que foi essa primeira experiência que a senhora falou sobre Campos do Jordão, essa foi a primeira, deve ter sido muito bom, qual o resultado impresso, e ver o que que a revista conseguiu depois, acho que deve ter sido muito bom.

ANA FRIDA – Mas você quer saber uma coisa maravilhosa, um esforço muito grande, desde o meu motorista que eu levei conosco até um fotógrafo americano. Todo mundo, a equipe inteira para construir aquele material, e quando voltamos foi aprovado o projeto pelo Civita.

ALEXANDRE – Quem fazia a edição das imagens? Como é que vocês escolhiam as fotos?

ANA FRIDA - Todo mundo junto com os fotógrafos, ou um fotógrafo. Tinha a mesa especial e se fazia uma coleção. Separávamos uma mesa bem comprida, eu não tomava muito parte disso, mas tinha uma coisa a dizer quando se tratava de uma fotografia de lançamento de um chapéu, de um batom, então era eu que podia dar a minha palavra.

ALEXANDRE – E naquele momento em que a revista Cláudia foi lançada, que tipo de mulher eles queriam atingir? Eles queriam que tipo de mulher lesse a revista? Era para todas as mulheres?

ANA FRIDA – Classe mais alta.

ALEXANDRE – Classe mais alta. Alcançava?

ANA FRIDA – Alcançava.

ALEXANDRE - "E daí alcançava, vocês tinham notícias de que alcançava. As pessoas comentavam com vocês?"

ANA FRIDA – Comentavam na televisão, nos jornais, as revistas de moda citavam sempre a matéria que nós publicávamos e o resultado depois a gente sabia.

ALEXANDRE – Então a revista Cláudia é uma revista para traduzir a sociedade da época. A sociedade mais alta, e atingia, tinha comentários. Como é que a sociedade recebeu a revista naquele momento?

ANA FRIDA – Muito bem porque tinha pouca concorrência, como você falou. Jóia, eu não me lembro muito bem. Eu estava tão fixada em Cláudia, depois da Cláudia veio impacto e publicamos Noivas, depois entrava eu e minhas noivas, minhas porque eu gostava de criar, de idealizar, de vestir noivas, da diretora da revista de noiva. Depois da Noiva, nós fizemos muitas revistas no Brasil, na editora Abril, uma consequência boa é esse sucesso que nós tivemos com a Cláudia.

ALEXANDRE – E como era fazer aquelas produções para Noivas? A impressão que a gente tem, quando a gente olha aquelas revistas antigas, é que o casamento não era só um grande momento na vida daquelas mulheres, mas para a própria sociedade.

ANA FRIDA – Mas era, nós produzíamos também as madrinhas, as daminhas, quem assistia, quem ficava no altar, criávamos toda essa moda, com manequins por toda essa fotografia e igrejas com padres. Planejávamos fazer isso daí na igreja.

SOLANGE – Mas ele tá perguntando do casamento, naquela época era uma coisa que tinha muita importância, devia ser o máximo.

ANA FRIDA – Era. Hoje fica muito difícil de conseguir entrar num altar, na igreja, o pai entrando com a noiva, como segurar a mão, como segurar o buquê. Depois trabalhávamos com floricultura para fazer o tipo de buquê adequado para aquele casamento. Então, um apanhado para o grande evento, o casamento.

SUZANA – Nisso você tava trabalhando na Sabrina?

ANA FRIDA – Eu nunca trabalhei na Sabrina. Eu pegava dela arranjos de cabeça, era amiga minha, me emprestava para fazer o casamento, eu nunca trabalhei na revista.

ALEXANDRE – E o que que os padres falavam? Por que naquele momento a Igreja era muito fechada, né? Como é que eles recebiam a coisa?

ANA FRIDA- No início não foi fácil, eu me lembro que o primeiro espaço que eu consegui foi [Igreja] Nossa Senhora do Brasil.

ALEXANDRE – Que é uma Igreja belíssima. Mas como foi o diálogo com eles? Eles recebiam bem? Como é que era?

ANA FRIDA – Mais ou menos. Não pode transformar a Igreja num palco de teatro. Explicávamos “com isso estamos abrindo o movimento da jovem querer casar numa Igreja bonita, com um padre que fala bonito, com a roupa, com o pai, os buquês”, então esse era o nosso argumento.

ALEXANDRE – Então tinha o casamento que era um grande evento social e a impressão que eu tenho também, quando eu vejo aquelas revistas, daquele período, é de que as outras matérias de moda também eram matérias que falavam sobre determinados momentos importantes para a sociedade. Então tinha o casamento. Então, dessa vida da alta sociedade, que outros momentos vocês exploravam para poder fotografar, para poder fazer roupas?

ANA FRIDA – Na religião judaica, quando um menino completa 13 anos, chama-se adulto, e fazem festas maravilhosas, também nas sinagogas, Bar Mitzvah, com tudo que há de mais rico. O pai, as tias, as crianças. Outra ocasião, fotografar e falar sobre isso até hoje.

ALENXADRE – Eu me lembro que nessas revistas, que a Manchete sempre colocava pessoas da alta sociedade.

ANA FRIDA – Porque ele era judeu, o dono, e ficava mais do lado, publicava mais.

ALEXANDRE – E a sociedade que tava fotografada? Por que existiam *socialites* , existiam pessoas importantes, né ? Como é que era fotografar aquelas pessoas, colocar aquelas pessoas nas revistas?

ANA FRIDA – Adorava, "Ah, porque vai aparecer , porque vamos fotografar para a revista, com muito orgulho!"

ALEXANDRE – E eram eles mesmos que compravam a revista? Quando foi que a Cláudia passou a ser uma revista não só da alta sociedade?

ANA FRIDA – Ah, não sei.

ALEXANDRE – Mas quando vocês perceberam que a Cláudia não era vista só pela alta sociedade, vocês perceberam. Não a data.

ANA FRIDA – Ah, não me lembro.

SOLANGE – Posso perguntar uma coisa ? Eu não entendi, a sua função lá na Abril era exatamente o quê? Era cuidar, a senhora falou que sabia vestir a noiva, fazia reportagens... O que que a senhora fazia mesmo?

ANA FRIDA – Fazia tudo de moda, estilo.

ALEXANDRE – A palavra estilo tava ligado a quê? Quando a pessoa falava estilo, existia o estilista, o que era uma pessoa com estilo naquele momento?

ANA FRIDA – Com bom gosto adequado para a hora, para a ocasião, adequado para classe que atinge.

ALEXANDRE – E daí as reportagens precisavam passar essa idéia de estilo?

ANA FRIDA – Sem dúvida!

ALEXANDRE – Dá um exemplo para a gente, se a senhora lembrar, um estilo que tem a ver com a festa, uma recepção, por exemplo, o que mais as pessoas deveriam vestir? Como é que as pessoas deveriam se comportar?

SOLANGE – Para fazer as fotografias, para fazer a reportagem, como é que a senhora produzia?

ANA FRIDA – Elas não se vestiam para reportagem, elas se vestiam para a ocasião.

SOLANGE – E vocês iam fazer a cobertura?

ANA FRIDA – Sem dúvida. Tínhamos na mão uma pérola e nós íamos fazer a cobertura. Mas elas se vestiam para o marido, para o amante, para o namorado, se vestia para ela.

SOLANGE – E a senhora escrevia sobre isso depois?

ANA FRIDA – Naturalmente.

ALEXANDRE – Essas pessoas procuravam a senhora para elas tentarem aparecer nas revistas?

ANA FRIDA – Muito, até queriam entrar com dinheiro, mas naquele tempo eu era casada com o Barão. Sinceramente, não precisava disso, mas gostava de fazer bem o meu trabalho. Tinha uma época que eu era muito importante, estava com meu ex-marido. Tinha um grande casamento, uma grande Igreja e me mandaram o convite e mandaram muitas vezes um carro com motorista. Sentamos na primeira fileira e depois na reportagem poder aparecer a baronesa...!

SOLANGE – Chique.

ANA FRIDA – Não, tinham muitas baronesas, não acho que hoje tem.

ALEXANDRE – Então essas pessoas procuravam a senhora. Então, já entendi o critério da senhora. A senhora tava preocupada em fazer algo bem feito, mas o quê que essas pessoas diziam quando iam procurar a senhora? O que que elas tentam argumentar com a senhora? Por exemplo, a idéia um casamento , “da minha filha”, por exemplo, o quê que essas pessoas diziam para a senhora, para tentar convencer a senhora a ir até aí?

ANA FRIDA – Eu entregava para elas o jogo. Elas vinham me pedir conselho, como se vestir, cada uma, como a madrinha, ou as meninas que vinham no cortejo, ou aquela que fica no altar e também entrava no jogo, automaticamente vinha o convite.

ALEXANDRE – E daí a senhora orientava essas pessoas como se vestir, então, né? E quais foram os eventos que a senhora mais gostou de orientar as pessoas? Todos? Ou teve algum que foi mais marcante para a senhora? Ou teve algum que a senhora não gostou?

ANA FRIDA – Não lembro.

ALEXANDRE – Lembra da Regina Guerreiro. Como é que era trabalhar com ela?

ANA FRIDA – Ah, é um caso muito especial. Uma jovem menina que entrou na editora Abril, trabalhava no escritório , dirigia algum texto, alguma coisa, e descobrimos que ela tinha muito talento. Por um acaso, precisávamos de um título para uma matéria e ela ofereceu um título. O Victor Civita se apaixonou. Ela ficou até hoje, aquela franja, sempre aquele cabelo.

ALEXANDRE – Era bom trabalhar com ela?

ANA FRIDA – Eu gostava, não era agressiva, ciumenta, uma no lugar da outra. Não criou caso nem para mim, nem para os colegas. Ficou uma lembrança boa. Com qualidade, muito bom.

ALEXANDRE – Então a senhora fazia a produção, orientava as pessoas que iam ser fotografadas, né? A Regina fazia os títulos das matérias e o outro nome que a senhora falou é Hugo Corrêa, Tomás...

ANA FRIDA - Tomás Souto Corrêa até hoje é editor da editora Abril, da revista Cláudia, de todas as revistas.

ALEXANDRE – E como é que era trabalhar com ele?

ANA FRIDA – Muito bom, muito inteligente, muito *tchan* (estala os dedos).

ALEXANDRE – Qual era a função dele ali na Cláudia? O que que ele fazia?

ANA FRIDA – Diretor.

ALEXANDRE – E como é que era trabalhar com aqueles fotógrafos?

ANA FRIDA – Eu gostei. Nós tivemos na mão alguns americanos muito bons. Eu não me lembro o nome, mas tinha um deles que trabalhava maravilhosamente bem, ele fotografava num estúdio, coisa linda!

ALEXANDRE – E eles fotografavam grandes festas?

ANA FRIDA – Capas era especialidade dele. Capa de ano novo, de natal de *reveillón*. Ele escolhia os modelos junto comigo e bolávamos como fazer a maquiagem também.

ALEXANDRE – A senhora chegava a fazer roupas ou a senhora conseguia roupas com os estilistas?

ANA FRIDA – Com estilistas. Não fazia porque não tinha nem oficina, nem um elemento especial para criar, cortar, experimentar. Hoje eu não me lembro mais os nomes deles, passou o tempo.

ALEXANDRE – Alguns estilistas chegavam a procurar a senhora para tentar ter roupas...?

ANA FRIDA – Ah, muitos. Ia no *atelier* deles, trazia manequins, desfila para mim, se achava que tinha alguma coisa para se aproveitar, já selecionava, tomava conta, depois fazer a coleção para aquele acontecimento.

ALEXANDRE - A senhora montava toda uma coleção para aquele acontecimento, daí a senhora ia pinçando roupas de vários estilistas, a senhora passava todos os dias para elaborar?

ANA FRIDA – Sábado e domingo.

ALEXANDRE – Sábado e domingo?

SOLANGE – E a senhora talvez tinha sido uma das fundadoras mesmo desse conceito, de estilo da revista Cláudia, do glamour, eu acho que deve ter começado assim mesmo, e hoje é direto isso. Virou uma linha de montagem isso?

ANA FRIDA – Sem dúvida, escolher as jovens que tinham talento para isso.

SOLANGE – Então essa idéia de colocar modelo, de fazer produção, do glamour, foi na sua época mesmo que isso começou. Mas isso se fazia em outros países também? Daí que ele mandava a senhora ir em outros países .

ANA FRIDA – Me mandaram para Nova Iorque, na Vogue.

ALEXANDRE – Como é que foi essa experiência da senhora na Vogue?

ANA FRIDA – Muito curta e muito instrutiva, porque lá é tudo automatizado. Me levava um acompanhante, me mostrava a gráfica o que que acontece se alguma coisa sai errada. Outra maneira de encarar as coisas do que a Europa. Mas que dava coisas bonitas, dava!

ALEXANDRE – E na Europa?

ANA FRIDA – Muito à vontade.

ALEXANDRE – À vontade, como assim?

ANA FRIDA – Por exemplo, quando eu trabalhava na revista Elle, me mandaram ficar um tempo lá como experiência, um dia a diretora falou: “Ana, hoje você que vai produzir a capa.”

SOLANGE – Lá na França?

ANA FRIDA – É. Eu sabia que era a matéria, a capa. “E agora, o que que eu faço?”. Então eu peguei a manequim, um dos vestidos maravilhosos que já tinha feito na coleção, levamos uma escada, botamos na rua e montamos na Rua Françoise..., não sei se conhece, perto do Ritz, montamos a manequim lá em cima, com esse vestido deslumbrante, o vento batendo, e fotografamos. Foi capa da revista.

ALEXANDRE – Da revista Elle. Deve ter sido uma capa maravilhosa.

ANA FRIDA – Muito bonita. Eu fiquei feliz comigo e com o que eu consegui fazer. Infelizmente, se perdeu tudo, com tantos anos de vida e correndo para lá e para cá. Talvez está arquivada lá em cima, onde tem algumas coisas minhas, pode ser...

ALEXANDRE – E a senhora fez, chegou a fazer essa, e chegou a fazer mais alguma?

ANA FRIDA – Lá não.

ALEXANDRE – Foi curto lá também?

ANA FRIDA – Foi curto.

ALEXANDRE – E quem mandou a senhora para lá? Quem pediu para que a senhora fosse aprender? Foi o Civita ou não foi o Civita?

ANA FRIDA – Foi o Civita. Ele foi meu padrinho.

SOLANGE – A senhora tava com quantos anos? Não lembra?

ANA FRIDA – Não lembro.

ALEXANDRE – Me diga uma coisa: o Civita tinha a intenção de que a Cláudia fosse uma revista parecida com a Elle naquele momento ou com a Vogue?

ANA FRIDA – Com a Elle, eu não sei, mas que ele tinha muita esperança que a Cláudia fosse uma coisa muito boa, muito bem feita, muito famosa, ele tinha essa esperança.

ALEXANDRE – Acho que os primeiros anos, deve ter sido difícil, toda revista, no começo, ela demora para ser feita pelas pessoas. A Cláudia demorou a ser aceita?

ANA FRIDA – Não muito. Não digo que foi de hoje para amanhã, mas foi muito mais fácil do que nós, ou melhor dizendo, o Civita, esperava. Os homens das bancas de jornais também davam boa referência: "Ah, não tenho mais, já acabou tudo; eu só encomendei 20 revistas, não tenho mais". Era gostoso ver isso! (suspira).

ALEXANDRE – Mas a Cláudia não era distribuída para todo o Brasil naquela época. Para onde era?

ANA FRIDA – Não. São Paulo e Rio, e não me lembro mais que cidades....

ALEXANDRE – Mas era então a parte mais industrializada no Brasil, naquele tempo, onde estava concentrada a sociedade naquela época?

ANA FRIDA – A sociedade que tinha o poder aquisitivo. Até hoje.

ALEXANDRE – A Cláudia tem história.

ANA FRIDA – Sim, eu sou muito orgulhosa disso.

SOLANGE – A senhora chegou a construir esse modelo mesmo, o *glamour*, a produção das revistas femininas do Brasil.

ANA FRIDA – Eu nasci com isso.

SOLANGE – E o Civita soube aproveitar isso da senhora?

ANA FRIDA – Assim como ele sabia aproveitar muito dele, os 2 filhos dele ele não tinha talento nisso, mas para dirigir, uma cabeça fantástica, e feio de doer!, meu Deus, ah, o rosto todo dele!

SOLANGE – É engraçado, e gostava dessa coisa da moda, não sei se vocês querem falar mais sobre isso, sobre a Cláudia . Daí o quê que a senhora fez, depois do Civita, depois da Abril?

ANA FRIDA – Não me lembro.

ALEXANDRE – Eu queria saber o seguinte: o Civita, ele fez a Cláudia que tava lá voltada para aquela alta sociedade. Isso porque o Civita tinha um bom relacionamento com essas pessoas naquele momento, ou não?

ANA FRIDA – Tinha sim. Eu sei o que você tá perguntado. Ele tinha entrada, ele era convidado.

ALEXANDRE – Então esse relacionamento já existia, foi possível para vocês entrarem naquele circuito de pessoas de moda. Será que outras pessoas naquele momento tentaram entrar com alguma outra revista, ou não conseguiram porque não tinham entrada?

ANA FRIDA – Teve várias pequenas revistas, mas a minha memória não dá.

SOLANGE – A senhora consegue pensar como estava a situação de mercado, de economia?

ANA FRIDA – Eu não consigo saber hoje quanto custa o dólar!

ALEXANDRE – Nem a gente sabe disso...!

SOLANGE – Eu tô perguntado em termos de moda. Nessa época, o Civita , como é que tava a questão da indústria nacional?

ALEXANDRE – Eu queria perguntar uma outra coisa para a senhora. Durante todo esse período que a senhora ficou na Cláudia, sempre a função da senhora foi essa, ou a senhora chegou a fazer outras coisas lá dentro?

ANA FRIDA – Quando eu sai de lá, fiz o meu *atelier*.

ALEXANDRE – Ah , a senhora chegou a montar um *atelier*. E a senhora desenhava?

ANA FRIDA – Eu nunca desenhei, sempre tinha figurinista, mas eu dava as idéias do croqui. Eu saí de lá, montei o meu *atelier* ali na Avenida... esqueci qual Avenida.

ALEXANDRE – Daí a senhora montou o *atelier* da senhora e a senhora conhecia as mesmas pessoas que enfim apareciam na Cláudia, compravam a Cláudia. Enfim, aquele mesmo circuito de pessoas?

ANA FRIDA – Eu consegui essa alta sociedade.

ALEXANDRE - E daí, o que que a senhora produzia de roupas para essa alta sociedade?

ANA FRIDA - Os meus figurinistas, eu viajava muito, no mínimo duas vezes por ano. Eu ia muito para Nova Iorque, Paris sem dúvida, assistia os desfiles de moda, Pacco Rabane, Guy Laroche, Christian Dior, todos eles, depois trazê-los para São Paulo e para a Fenit daqui.

ALEXANDRE – Sim, como é que foi trazer essas pessoas para cá? Amizade?

ANA FRIDA – Amizade. Eu representava bem para eles o Brasil e dava vontade de vir.

ALEXANDRE – Mas no momento em que a senhora trouxe essas pessoas para cá, os estilistas brasileiros, o que que eles falavam?

ANA FRIDA – Quase me mataram.

SOLANGE – Por quê?

ANA FRIDA – Imagine! Um Clodovil há de gostar de trazer um Pacco Rabane? Nunca.

ALEXANDRE – O que foi que ele chegou a falar para a senhora?

ANA FRIDA – Não, me xingou, não falou.

ALEXANDRE – E o Dener?

ANA FRIDA – O Dener mostrava muita boa amizade, ele era muito *gentleman*. Ele gostava de fazer amizades com essa turma. Ele gostava de oferecer jantares para eles, era a grande moda. E conseguiu.

ALEXANDRE – E com o Lívio Rangin? Por que que a senhora tá trazendo essas pessoas de fora do Brasil? Quando o Lívio começou o trabalho dele na Rhodia, eles começaram a promover coisas do Brasil. Como é que foi o relacionamento da senhora com o Lívio, como é que foi?

ANA FRIDA – Muito bom, um ajudava o outro em várias coisas. Um precisava do outro, um apoiava o outro. Ele era uma pessoa de ouro e fez muito pela moda brasileira.

ALEXANDRE – E acho que o Cyro chegou a comentar com a gente, e o Carlos Mauro também, que naquele momento a revista Cláudia foi muito importante para a própria Rhodia.

ANA FRIDA – O que foi que sustentou a Rhodia, deu aquele empurrão.

ALEXANDRE – A Rhodia tinha uma influência muito grande de decisão. O que tinha a revista Cláudia? Tinha poder de decisão, eles podiam interferir no trabalho?

ANA FRIDA – Sobre moda em geral, não, eu não assisti isso. Eu não estava mais lá dentro, eu estava mais me preocupando com as Fenit, feiras, e com os costureiros que eu trazia de fora.

ALEXANDRE – Então o trabalho pessoal da senhora nunca chegou a ser, nunca houve interferência no trabalho da senhora que viesse da Rhodia? Interferência... o Lívio tinha interferência positiva junto . A senhora trocava coisas com ele, né? A senhora chegava a dar palpites nas coisas?

ANA FRIDA – Dei.

ALEXANDRE – E ele chegava a dar palpites para senhora?

ANA FRIDA – Também. Eu pedia. Quando eu vinha de fora, com as coleções de desenhos, fotos, tudo. Eu chamava ele, a gente trocava idéias.

ALEXANDRE – E ele era um bom palpiteiro?

ANA FRIDA – Era, ele nasceu para isso.

ALEXANDRE – Quando ele não gostava de uma coisa, ele falava?

ANA FRIDA – Ah, falava. (Balançando a cabeça) "Não, isso não!", dizia ele.

ALEXANDRE – Que tipo de coisa, naquele momento, o Lívio queria passar para as pessoas?

ANA FRIDA – Bom gosto, especialmente o gosto dele. Ele era muito, deixa eu ver, "cheio" dele. Ele queria parecer um rei, e de uma certa maneira conseguiu.

ALEXANDRE – E a Regina Guerreiro, quando ela fazia aqueles títulos, o que ela queria passar para as pessoas?

ANA FRIDA – Ah, não sei. Eu sei que, devagarinho, o resultado foi muito bom.

ALEXANDRE – Então a senhora ficou esses anos na Cláudia, daí a senhora saiu e foi montar um *atelier* da senhora? Como é que foi abrir esse *atelier* ? Como foi o contato com a pessoas?

ANA FRIDA – Foi muito bom, porque vinha me procurar sabendo de onde saia.

ALEXANDRE – Daí a senhora montou o *atelier* da senhora, a senhora tinha essa abertura com aquelas pessoas. A senhora continuou?

ANA FRIDA – Pode continuar...

ALEXANDRE – Daí a senhora montou o *atelier*, e a senhora parou o *atelier*. Por quê, quando foi isso?

ANA FRIDA – Porque veio o Collor, acabou com as minhas clientes, não pagavam as dívidas, clientes de alta sociedade, nem compravam mais em São Paulo comigo, uma ou outra. Compravam em Miami, era mais barato.

ALEXANDRE – Daí a senhora tinha os figurinistas que faziam os desenhos para a senhora e a senhora dava uma orientação geral para essas pessoas, né? Essas pessoas que desenhavam para a senhora, eram pessoas que ficaram conhecidas?

ANA FRIDA – Não, não vejo nenhum deles fazer... uma viva alma fazer isso ou aquilo.

ALEXANDRE – Por quê que isso aconteceu?

ANA FRIDA – Não sei , talvez entraram para a indústria.

ALEXANDRE – E a senhora continuou tendo contato com o Civita depois que saiu da Cláudia?

ANA FRIDA – O Civita já morreu!

ALEXANDRE – Eu sei que ele já morreu, mas a saída da Senhora da Cláudia é depois dele ter morrido?

ANA FRIDA – Não me lembro.

ALEXANDRE – A senhora teve contato com a Regina Guerreiro depois?

SOLANGE – A Senhora disse, no começo , quando ela era mais jovem, que a gente poderia tratar ela de igual para igual, que não tinha ciúme.

ANA FRIDA – Não. Muito boa no começo, mudou tudo, né? (Empina o nariz com os dedos).

SOLANGE – Com quem que a senhora ficou amiga e manteve relações?

ALEXANDRE – O Tomás Corrêa, a senhora manteve contato com ele depois?

ANA FRIDA – Não. Me mandou um cartão uns 2 anos atrás, num Natal. Encontrei uma vez no elevador, beijos, abraços: "Mas não fica zangada, Aninha, que eu não vou lá te ver eu não gosto de ver gente jovem!". Eu devia dizer para ele: "Cuidado que você também pode envelhecer, porque eu vou assustar!". Ele foi um bom camarada, um bom amigo meu. Foi.

SOLANGE – É meio marginal isso também que a gente tá fazendo.

ALEXANDRE – É que a gente não teve as entradas, é nesse sentido que a Solange quis dizer, mas a gente acredita que essas entradas, elas vão surgir.

ANA FRIDA – E daí, de repente, duas, três pessoas importantes vão se interessar e se preocupar.

SOLANGE – A diferença é que a que a gente leva a sério. A gente faz estudo científico mesmo, técnica, humana. Eu acho que sim. Um estudo rigoroso, a gente

leva a sério isso, não é uma frivolidade. A gente vê a moda como ligada diretamente à questão econômica , histórica , psicológica do Brasil. Na Unip, por exemplo, a gente está com curso de moda, várias universidades ...

ANA FRIDA – Me convidaram uma vez para assistir um desfile...

SOLANGE – Eu a convidei.

ALEXANDRE – A Suzana estudou na Santa Marcelina. Eu fui uma vez ver o trabalho deles lá de final de ano e achei muito impressionante.

ANA FRIDA – Com pouco dinheiro que sobrou da minha pensão, comprei uma pequena maquiagem, tá guardada...

SOLANGE – A senhora gosta muito de estética...

ANA FRIDA – Eu sou vaidosa. Para vocês terem uma idéia, num armário onde tem as coisas, antes de tomar café, eu já estou pensando, olhando no que eu vou vestir.

SOLANGE – Que interessante! Vício de profissão, vocação dela mesma. Esse gosto da profissão estética, devia voltar a fazer isso.

ALEXANDRE – Posso colocar para a senhora [uma questão] a respeito do *atelier*? A senhora tinha falado que quando a senhora estava na Cláudia, todas aquelas pessoas convidaram a senhora, né?, para aqueles eventos e tudo mais, com a expectativa de que eles apareceriam na revista. Então... Mas a senhora continua sendo convidada?

ANA FRIDA – Continuo. Queria pedir a opinião de vocês. O que fazer com o meu cabelo? Não sei se... 10 anos de cabelo branco, queria fazer umas mechas. A cabeleireira aqui não quer.

ALEXANDRE – Aí a senhora continuou sendo convidada para essas recepções por tudo que a senhora representava?

ANA FRIDA – Não. Não gosto de muita gente. "Chegou a baronesa Ana". Eu não entendia muito.

ALEXANDRE – Ana Frida, eu gostaria que a senhora fizesse para a gente... A senhora viu muita coisa que a gente não viu. O que que a senhora diria para a gente, para essas gerações que estão vindo agora e que tem uma preocupação com a imagem muito grande?

ANA FRIDA – Você acha exagero?

ALEXANDRE – Não. Eu acho que eles têm uma preocupação muito imediata.

ANA FRIDA – Agora está se aproximando do que ele pensava.

ALEXANDRE – Como a senhora, eu fico imaginando pelas próprias pessoas que trabalhavam com os estilistas. Eu tenho contato com pessoas, com artistas, e o trabalho deles é muito imediato. A vida ficou imediata ou o trabalho deles é muito imediato?

ANA FRIDA – Você não acha que o mundo inteiro é assim?

ALEXANDRE – Acho.

ANA FRIDA – E o que que vocês estão tentando fazer? Vocês estão trabalhando para mudar um pouco a cabeça dessa juventude?

ALEXANDRE – A gente tem essa preocupação futura, de registrar para que as pessoas possam pensar sobre tudo isso. A gente tem essa preocupação, quer dizer, a gente aqui pensando nesse futuro.

ANA FRIDA – Vocês pensaram em fazer um Museu?

ALEXANDRE – Pensamos. Só que a gente sabe que isso é algo que a gente só vai conseguir futuramente. Envolve muito dinheiro, envolve recursos que a gente não tem, mas a gente pensa nisso. E eu fico pensando nisso daí, e eu queria saber,

naquele momento que a senhora tava na revista trabalhando na Cláudia, as coisas eram assim, imediatas? Como é que era?

ANA FRIDA – Não, não era tão imediata. Tinha uma distância para poder realizar, um grupo de vocês trabalhando muito para poder mostrar daqui um tempo, para poder mostrar o que era realidade. Eu não peguei essa fase, nem depois de mim. Eu não vi ninguém de lá, pensando assim.

ALEXANDRE – As preocupações de vocês, quais eram naquele momento? De passar coisas para as pessoas? Que preocupações vocês tinham em passar para aquelas pessoas?

ANA FRIDA – Coisa boa, mas um certo mais suave, não tchan-tchan. Eu, sinceramente, na minha idade, eu penso nessa juventude.

ALEXANDRE – Eu perguntei para senhora de como foi a aceitação dos padres naquele momento, e eu me lembrei do seguinte, agora eu vejo muito acontecer, atualmente quem comanda um casamento não é o padre, é quem tá filmando. Eles comandam o casamento e daí quem comanda isso tudo é quem tá gravando, quem tá filmando. Será que, naquele momento, os padres que se mostravam resistentes a fazer fotos? Será que eles não pensavam que isso poderia vir a acontecer, como hoje acontece? De que tudo aquilo virasse um grande cenário, como virou hoje em dia, de que valores poderiam ser perdidos, valores humanos, valores morais?

ANA FRIDA – Chego a acreditar que tinham pensado nisso, porque encontrei alguns padres que se chamavam meus amigos. O que era judeu, na sinagoga, levava noiva na Nossa Senhora do Brasil! Tinham um pouco de receio de nós, mais jovens, o que nós íamos fazer, as idéias deles eram um pouco atrasadas.

ALEXANDRE – Daí vocês queriam passar uma coisa boa para aquelas pessoas, coisas boas que tinham a ver com roupas, mas que tinham a ver com o quê mais?

ANA FRIDA – Com família, amor, lembranças, tudo isso.

ALEXANDRE – Como é que era traduzir, colocar amor naquelas imagens, naquelas produções? Como é que era esse trabalho? Por quê a senhora queria colocar essas coisas aí? Como é que faz para passar isso naquelas imagens?

ANA FRIDA – Que coisa difícil que você está me perguntando!

ALEXANDRE – Eu acho que tudo que a senhora fez está muito ligado às dificuldades que a senhora vivia.

ANA FRIDA – Para mim, o amor estava em todos os momentos: até num vestido curto, comprido, no menino que entrava com a menina de mãozinha dada para o casamento. Eu sei que é assim, eu vejo que é desse jeito, eu vestia desse jeito, eu desenhava desse jeito.

ALEXANDRE – Fazer as coisas com amor...

ANA FRIDA – Sem dúvida, foi o que eu fiz uma vida inteira. E igual hoje não pode ser mais, porque acabou a minha fase, mas pode ser de uma certa maneira com vocês. Se eu posso contar uma coisa ligada a isso, porque o amor é a coisa mais linda do mundo.

SOLANGE – O que que o amor tem a ver com a beleza?

ANA FRIDA – Tudo, amor tem tudo com a beleza, com tudo, é amor.

SOLANGE – Com aquela moça feia !?

ANA FRIDA – Não existe mais moça feia. Um pouquinho de maquiagem, um cabelinho bem arrumado, com um sentimento gostoso, é amor. Até eu, com cabelo cortado, quando me penteio de manhã, passo a escova, é um gesto de amor. Quando me olho no espelho, eu tô achando, também, “pode ser amor”.

ALEXANDRE – E a senhora sente esse amor nas revistas que a senhora vê hoje em dia?

ANA FRIDA – Não muito.

ALEXANDRE – Por que não?

ANA FRIDA – Não sei, me parece uma coisa um pouco fria... das manequins que fotografam muito. Cláudia, por exemplo: lindos, maravilhosos, pose, mas muito mecânicos. Eu sinto assim.

ALEXANDRE – E como é que eram as manequins daquela época? Por que não existia essa coisa de treinamento para ser manequim que hoje você tem. Elas têm que passar por diversas etapas, tem que fazer isso e aquilo. Como é que a senhora escolhia as manequins?

ANA FRIDA – *Felling*, eu e ela , ela por mim. E se um dia eu for checar e poder tirar as minhas fotografias lá de cima, vocês vão ver as minhas manequins, com quanto amor elas fazem uma pose.

ALEXANDRE – Então procurava alguma coisa, procurava, queria encontrar algo nelas. O que a senhora queria encontrar?

ANA FRIDA – Beleza, amor... beleza e amor. Eu ligo uma coisa, o amor com a beleza. Porque ela gostava, amava o que ela fazia.

ALEXANDRE – E hoje em dia, a senhora não sente mais isso?

ANA FRIDA – Não, uma pose tão fria. Pode ver qualquer revista Cláudia, uma coisa como se fosse de mármore.

SOLANGE – E os padrões de corpo também, hoje tem que ser muito magra.

ANA FRIDA – Já está mudando um pouco, já não é tão magra, ao menos estão tentando.

ALEXANDRE – Por que que a senhora acha que aconteceu essa mudança?

ANA FRIDA – Não sei, eu não tomava parte. Será que hoje alguém diz: "Você emagreceu bem. Para que? Eu não preciso fotografar mais, botar um vestido novo, alinhado."

SOLANGE – A modelo, quando a senhora trabalhava na Cláudia, como é que ele era? Era bem magrinha. Mas não como hoje?

ANA FRIDA – Não.

ALEXANDRE – Ela precisa ter postura...

ANA FRIDA – Exatamente.

SOLANGE – A gente, o Cyro Del Nero tava falando da Mila Moreira ."

ANA FRIDA – E hoje ainda faz filmes.

SOLANGE – Ele mesmo falou que não precisava ser tão bonita, ter porte tão perfeito, mas ela tinha que ter personalidade.

ANA FRIDA – Alguma coisa.

ALEXANDRE – Segundo o Cyro, é mais postura. E os modelos homens, o que eles precisavam ter? Por que o casamento tem noivos também, né?

ANA FRIDA – Eu não trabalhava.

ALEXANDRE – Quem se ocupava deles?

ANA – Quem se ocupava deles? O pai, a mãe, a sogra, a futura noiva...

ALEXANDRE – A senhora se ocupava mais com a própria noiva mesmo, com as madrinhas, daminhas... Eu acho que a gente podia encerrar hoje e depois a gente podia marcar outra conversa com a senhora porque a gente não tem nenhuma pretensão de esgotar esse assunto.

SOLANGE – Hoje viria um professor da Unip de moda, que conhece a senhora, que trabalhou com a senhora, ele se chama Orlando Brandão.

ANA FRIDA – Ele está lá?

SOLANGE – Está lá e ele queria vir hoje, mas ele mandou pedir desculpas porque ele tinha um trabalho em Maringá hoje.

ANA FRIDA – Ai, que bom...!

SOLANGE – É muito interessante, ele mora aqui perto e ele quer ver a senhora, vai ser bom conversar com a senhora porque ele vai ter bastante o que falar com a senhora. Eu não me lembro aonde ele disse que trabalhou com a senhora...

ANA FRIDA – Trabalhamos em tantos lugares...

SOLANGE – Conhece ele, então?

ANA FRIDA – Pelo nome, sim. Ele também vai levar um susto quando me ver!

SOLANGE – A senhora tá bonita, parece bem. Bom, a gente quer agradecer a senhora, e a paciência... A gente fica satisfeito, a gente quer que tudo isso que a senhora falou enriqueça nosso Banco de Dados, nosso "Museu". Que as pessoas possam saber quem foi a senhora, saber o papel que a senhora teve. E parece que a senhora...

ANA FRIDA – Já ouviram falar do Schindler, em Nova Yorque? É o Museu Schindler, ele veio se firmar em Davidson, isso no Museu dele. Não era sobre moda, mas ele achava que vale a pena...

SOLANGE – Importante que os jovens que estão chegando agora, que estão trabalhando com moda, saber quem que é Ana Frida, o que que ela fez, né? Interessante. Obrigada.